

MARÉ VIVA

MUNICÍPIO DE ESPINHO
BIBLIOTECA MUNICIPAL

Director: NUNO BARBOSA

SEMANÁRIO

ANO VIII N.º 377 — PREÇO 15\$00 — 16/2/84

POR DECISÃO JUDICIAL

CORFI / COTESI VAI PAGAR

24800 CONTOS A TRABALHADORES DESPEDIDOS

— PÁGINA 4

A CIDADE E AS LETRAS

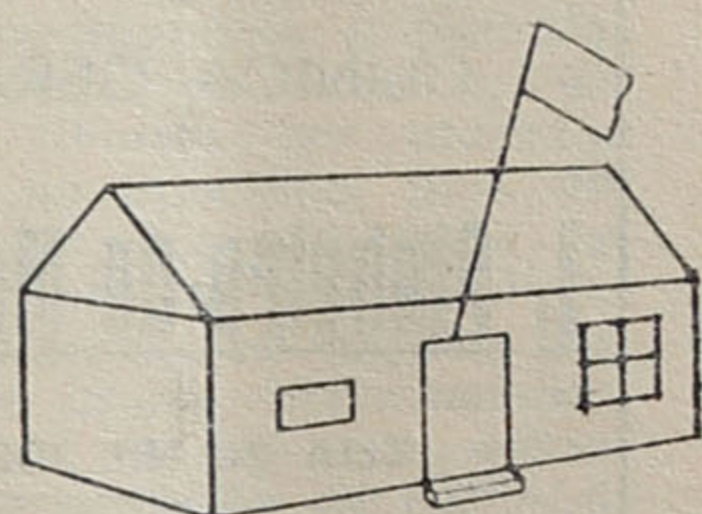


MANUEL LARANJEIRA,
VISTO POR AMADEU DE SOUSA CARDOSO

— ÚLTIMA PÁGINA

PARAMOS

Muitas intenções para pouco dinheiro



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA

Dificuldade após dificuldade. Espera após espera. Muitas explicações que não convencem.

As populações das freguesias assistem cansadas ao adiar de problemas que muitas vezes poderiam ser ultrapassados com um pouco mais de vontade política para os resolver.

Hoje falamos de Paramos. Nos próximos números de MV a ronda vai continuar pelas restantes freguesias.

— PÁGINA 5

Pedro Silva

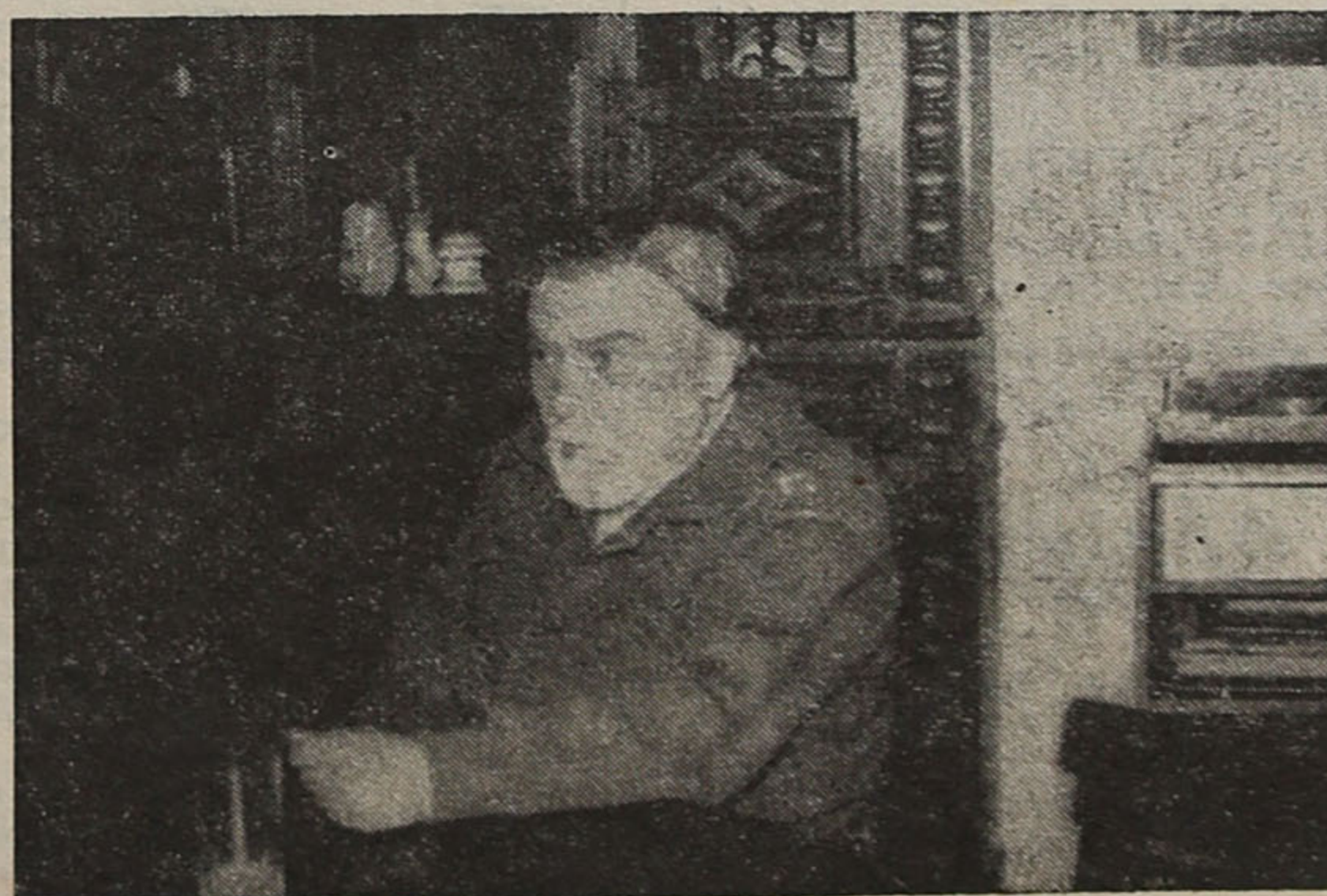
internacional
juvenil
produto do
Hóquei
da A. A. E.

— Entrevista
na página 7

Morreu o Arq.º Jerónimo Reis

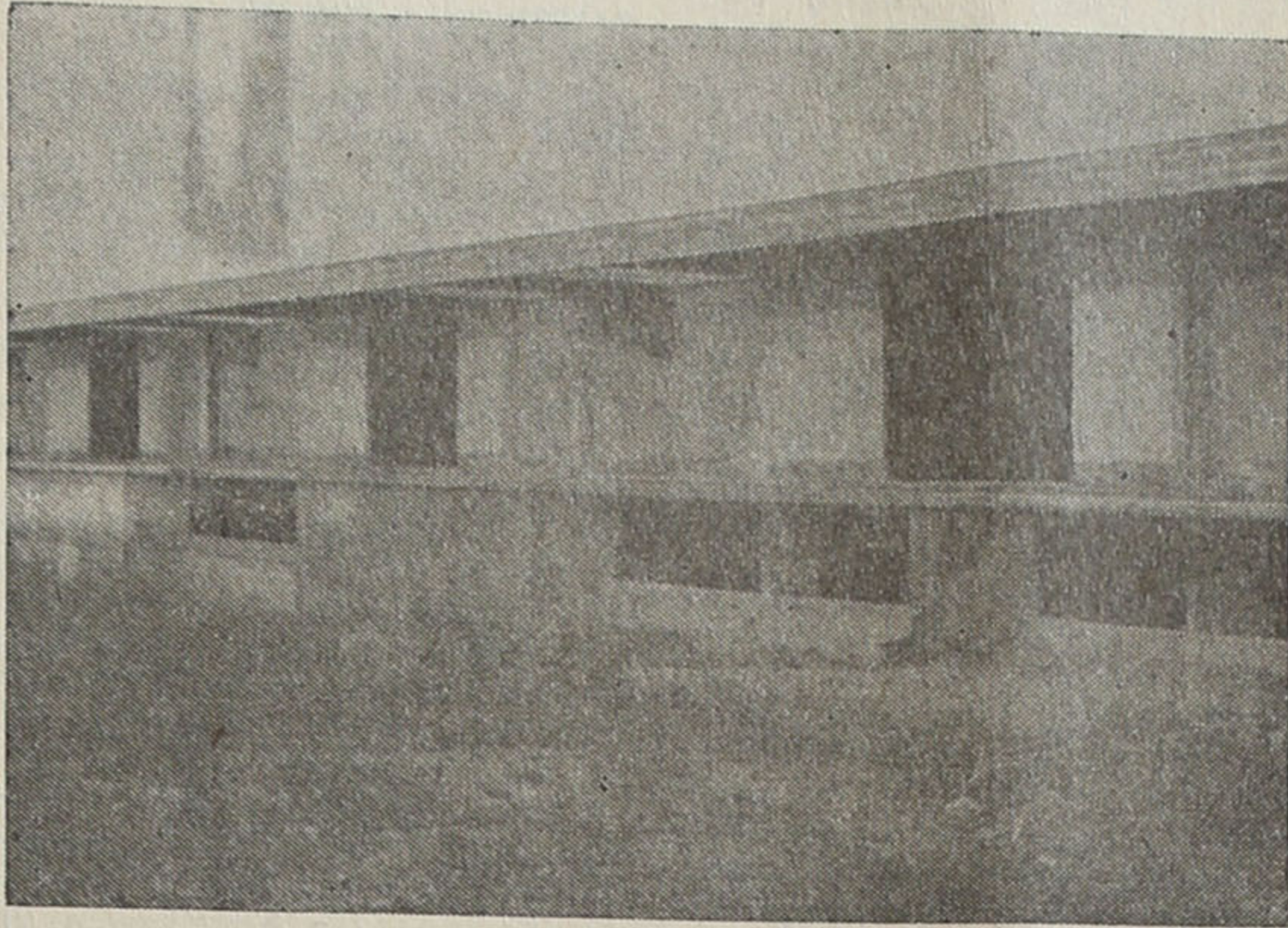
No passado domingo, vitimado por ataque cardíaco, faleceu o Arq.º Jerónimo Reis. A notícia da sua morte apanhou de surpresa toda a cidade, que o conhecia e respeitava como figura impar de cidadão e desportista, primeiro como praticante, depois como dirigente. Homem de um enorme dinamismo, o Arq.º Jerónimo Reis vivia os problemas da sua terra (mormente os de ordem desportiva) e empenhava-se, de corpo e alma, na tentativa de resolução dos mesmos, com aquele arrebatamento que lhe era tão peculiar. Espinho, terra que amava devotadamente, perdeu uma importante figura da sua ainda curta história. A cidade em geral, e o desporto espinhense em particular, ficaram mais pobres.

A família enlutada, o «Maré Viva» apresenta as mais sinceras condolências.



O FUTURO DE UM "CAIXOTE"

Caixote é talvez a designação mais lisonjeira que se pode dar ao prédio inacabado sito no lado nascente da rua 8, cujo destino inicial era uma habitação (!) particular do banqueiro Pinto de Magalhães, recentemente falecido.



...AO FUTURO
«FALADO»

Já que a Câmara Municipal não mostra interesse em fazê-lo. Quanto à forma, é estar atentos e ver se os dez anos de espera serviram para alguma coisa... Não é para insistir, mas, monstros já por aí há muitos,

Verdadeiro insulto a quem não tem casa para viver, aquela construção particular seguia as pagadas de idênticas opulências existentes em Espinho. Iniciou a sua construção em 1972, tendo parado em 1974, na sequência do «congelamento» dos bens do referido proprietário. Dez anos se passaram e ninguém nesta cidade parece ter tido coragem suficiente para não permitir que a situação se arrastasse.

DOS PROJECTOS DE ONTEM..

Projectos de aquisição e recuperação daquela estrutura parece não terem existido, nem mesmo por parte dos proprietários. Ideias, pelo menos uma. A da Câmara Municipal — não o actual executivo — adquirir o terreno e a obra já existente para posterior adaptação a Centro Cultural. Apoios a esta ideia poucos, pelo que não passou disso. Registe-se, entretanto, que a questão do Centro Cultural está a demonstrar-se tão velha que tememos venha a morrer sem ter sido realidade! Daquilo que os espinhenses continuam a ter certeza é de que ali se encontram milhares de contos em completo abandono — e dizer que estamos em crise —, servindo tão somente para nocturno refúgio de actividades por todos solenemente contestadas mas passivamente permitidas.

Chega-nos agora uma informação, não confirmada, de que o local terá sido comprado por uma conhecida sociedade de investimentos imobiliários que ali pretende implantar um (mais um) monstro vertical de sete andares e direito ao já tradicional centro comercial. Nada confirmado, repetimos. Mas a verdade é que um pedido de construção (sem especificar que construção) foi já entregue. Verdade ou não, à Câmara Municipal competirá decidir que tipo de construção ali se poderá efectuar. Oxalá que assim aconteça. Que alguém utilize o local melhor do que a actual utilidade.

espalhados pela cidade. Bem mau aspecto lhe dão.

A OUTRA HISTÓRIA

A outra história daquele local é bem diferente. A construção que ali existia e foi demolida para dar lugar à actual estrutura de betão não teria, tanto quanto sabemos, grande interesse arquitectónico. Mas tinha, isso sim, um belo conjunto de azulejos que irremediavelmente se perdeu. Talvez Espinho não possuía nada que iguale parte do painel que ainda se pode ver numa das antigas paredes. Também estes belos azulejos ao abandono, podendo ser recuperados! Chama-se a isto bater no ceguinho. O problema é que o pior cego é aquele que não quer ver...

ESTA CIDADE

POR FALTA DE CARTA...

Em julgamento sumário, Carlos Manuel da Silva Carneiro, de 19 anos, foi condenado, no dia 3, no Tribunal de Espinho, a uma multa de 12.000\$00 e respectivos custos do processo de que foi réu.

Carlos Carneiro, residente em Fiães, fora detido no pontão da Espinho por conduzir um veículo ligeiro misto, sem que para o efeito estivesse devidamente habilitado com carta de condução.

«GRANDE FARRA» ACABA NA POLÍCIA

Por muito que custe às entidades militares, nem sempre o soldado é o espelho da disciplina e da virtude. Pelo menos um jovem de 21 anos incorporado no aquartelamento de St.ª Margarida, assim o demonstrou. No dia 7, às 4 horas da manhã, sabe-se lá se extravassando angústias e frustrações acumuladas no cumprimento do seu serviço obrigatório, este jovem de quem falamos, residente em Lamas, pôs-se a fazer barulho em Espinho, no local onde as ruas 15 e 62 se cruzam, (valha ao menos o respeito pelos conterrâneos ao vir fazer barulho noutra «freguesia»). Quem não esteve pelos ajustes foram os moradores da zona que, in-

comodados no sono, prontamente reclamaram junto da polícia. Esta, certamente também «incomodada» no seu sossego, não iludiu, no entanto os protestos dos moradores. E demandou ao local. E o soldado lá estava, berrando alegremente. E assim terá protestado ante os agentes da ordem — o que lhe engrossou o «currículo» com «desobediência e insultos» à PSP. Julgado, seria condenado a 20 dias de prisão, remíveis a 200\$00 por dia, mais 45 dias de prisão por injúrias à autoridade, também substituíveis em 200\$00, ou em alternativa, na multa única de 15 mil escudos. Uma «grande farra» que saiu carote...

AINDA OS TAIPAIS

Ainda porque foram já vezes sem conta as que falamos neste assunto. O que acontece? A Câmara autoriza os pedidos de construção dos municípios, e no momento da execução as empresas responsáveis erguem os seus «tapumes» de protecção, na maioria dos casos, sem respeito absolutamente algum pelo espaço público. Dois casos que já aqui foram focados e que continua ante a impotência das autoridades locais. Na rua 35 gaveto com a

16, uma obra que dura indefinidamente e que não obstante o seu estado adiantado os construtores teimam em deixar permanecer o tapume, que ocupa, sem exagero, mais de metade da referida rua 35. Outro exemplo do que aqui pretendemos relatar, é a necessidade (?) que os senhores da Pensão Alcobaca terão em ocupar tanto o passeio da rua 62 como o da rua 8, para proceder a obras que, em nada parecem ser de grande envergadura.

ATENÇÃO AO ESTIÇÃO !

O estício não é só exclusivo das grandes metrópoles. O aumento do custo de vida tem «obrigado» os larápios a pô-lo em prática também nas chamadas cidades da província. É o caso de Espinho, onde tem vindo a ser cada vez mais frequente o assalto por esse meio aos desprevenidos transeuntes, mormente na Feira semanal. Este comentário foi-nos sugerido pelo habitual relatório mensal da PSP, desta vez referido ao mês de Janeiro. Nela, aquela corporação alerta os cidadãos espinhenses para o furto por

estício, cada vez mais vulgarizado entre nós. Mas nem tudo é mau! Assim, e seguindo o referido relatório, os índices de criminalidade no decorrer de Janeiro foram invulgarmente baixos. Para sermos mais precisos, 41% abaixo da média mensal de 1983. A concluir, diga-se que no referido período foram capturadas 13 pessoas, das quais apenas uma por motivo de furto. Das restantes, oito foram-no por condução ilegal, uma por desordem e agressão na via pública e três por mandados judiciais.

ERA UMA VEZ...

...Um contentor de lixo, obra artisticamente higiénica, concebida pela mente humana, com manifesto intuito de evitar problemas de saúde pública. Certo dia, os contentores chegaram a esta cidade e quis o infortúnio do destino que a sua distribuição caísse em mãos desinteressadas e pouco conhecedoras destas coisas de pensar antes de agir, quando se trata do bem estar dos outros. E os pobres contentores, lá foram desordenadamente colocados, mais pelo critério de fácil despejo do que pela sua função higiénica. A um deles coube tão má sorte que foi colocado junto

à entrada de uma Escola, e bem que as habitações mais próximas fiquem a cerca de cem metros. E assim se conserva tristemente uma coisa que em vez de útil se transforma em algo perigoso para a saúde das crianças daquela escola,, acrescentando a isto o facto de ter sempre a tampa aberta e deixar mau cheiro na via pública. Ora vamos lá ser um pouco mais responsáveis. Isto passa-se na Av. 8, na escola que fica junto do campo de futebol do Espinho. Será que anda por aí gente responsável a brincar com o pessoal ou aquela zona não está nos mapas da cidade?

Clínica Dentária

Dr. Leopoldina Santos Tavares
Dr. Rosa Neves

Consultas:
2.ª a 6.ª — Manhã e Tarde
Sábado — Manhã
Rua 23 n.º 773 - 1.º Esq.
Telef. 720116 — ESPINHO

Ernesto Ferreira

ODONTOLOGISTA
Boca e Dentes

Rua 18 n.º 582 - 1.º Dto.
Telef. 721810 — ESPINHO

ALBUQUERQUE PINHO FILOMENA MAIA GOMES

— ADVOGADOS —
ESCRITÓRIOS:
R. Júlio Dinis, 778-4.º Dto.
Telef. 698704 4000 PORTO
Rua 19 n.º 343-1.º — Tel. 722764
4500 ESPINHO

Maré Viva

O JORNAL DA REGIÃO

Arq.º Jerónimo Ferreira Reis

AGRADECIMENTO E PARTICIPAÇÃO

A Família vem por este ÚNICO MEIO, agradecer reconhecida a todas as pessoas que compareceram ao funeral do querido extinto e participar que a Missa do 7.º dia se realiza, Sábado, pelas 19 horas, na Igreja Matriz de Espinho, e Domingo, pelas 11 horas, na Igreja de Silvalde.

Restaurante ■ Snack-Bar

O PADRINHO

Av. 24 n.º 697 — Telef. 720665
ESPINHO



ESPECIALIDADES DA CASA:

- Bacalhau à Santa Eulália
- Tripas à moda do Porto
- Arroz de marisco
- Cozido à Portuguesa
- Cabrito assado
- Caldeirada de cabrito
- Rojões à Lavrador
- Chispe à Transmontana

APRECIE O NOSSO FESTIVAL DE SOBREMESAS!

JÁ COMEU UM JACARÉ?

ENCERRAMOS AS TERÇAS-FEIRAS
PARA DESCANSO DO PESSOAL

reunião da câmara

A discussão da Cultura ainda não chegou ao fim...

PARAMOS

MUITAS INTENÇÕES PARA POUCO DINHEIRO

A existência ou não de uma política cultural por parte da Câmara para o município, é questão que após a apresentação do Plano de Actividades para 1984, mais tem suscitado controvérsia no meio local. Cada vez que um pedido relacionado com o pelouro de Valdemar Martins é feito ao Executivo Camarário, o rastilho reacende-se numa clara demonstração de que neste sector as coisas estão longe de atingir níveis minimamente satisfatórios. Isto mesmo ocorre a quem assistiu a mais um cenário «plantado» nos Paços do Concelho, a propósito de mais uma sessão da Câmara realizada na passada 6.ª feira.

CÂMARA NÃO TEM ANIMADOR CULTURAL POR FALTA DE OFÍCIO

Toda esta discussão instalou-se na mesa devido a um pedido da direcção da Academia de Música de Espinho. Solicitava esta instituição, que a Câmara lhe cedesse 4 salas do Colégio Nossa Senhora da Conceição. As opiniões foram-se manifestando discordantes desde logo, e notou-se até uma certa contrariedade em virtude de este colégio ter sido ultimamente muito solicitado. Lembrou-se a título de exemplo uma recomendação da Assembleia Municipal no sentido de ele ser transformado num polo cultural e também um outro pedido do ciclo preparatório para aí instalar a sua creche.

Entretanto Valdemar Martins aproveitou o ensejo para mais uma vez mostrar o seu desacordo, diz ele, pela política cultural que a Câmara quer seguir dizendo que «precisamos de criar em Espinho as condições para o desenvolvimento da cultura». Mas em relação ao caso concreto que se estava a discutir, Casal Ribeiro da APU, diria que o «edifício foi entregue à Direcção Escolar e a Câmara não pode entregar salas a ninguém». Sobre este assunto Artur Bártolo proporia «oficiar à Direcção Escolar e perguntar o que pretendem fazer». Diria ainda que em «Espinho existem muitas agremia-

ções que são tão legítimas como a Academia».

Mas aquilo que se julgava ser um assunto encerrado, viria ainda a estender-se sendo o assunto mais discutido nesta sessão. Mais uma vez seria o Vereador da Cultura a lançar as achas para a discussão. Disse «tenho-me batido por uma política cultural de base. Pela criação de estruturas necessárias. Tenho sido discordante da política cultural da Câmara e o alvo principal da Assembleia Municipal sobre estes assuntos tenho sido eu, quando em consciência me bato pela criação de condições». Valdemar Martins diria ainda que «temos de construir algo de raiz para a construção de estruturas para as colectividades. Urge que a Câmara se sensibilize para estas questões».

Seria depois a vez de Artur Bártolo reomar a palavra para mais uma vez insistir no Plano de Actividades aprovado pela Câmara. «Existe um Plano de Actividades que é de toda a Câmara. Depois há que ver os meios económicos da Autarquia e houve prioridades. Não há ninguém que não queira fazer tudo e mais alguma coisa». E o diálogo arrastou-se para Valdemar Martins dizer ainda. «O senhor é um exímio baralhador da palavra. O assunto foi exaustivamente discutido e quando foi aprovado acusei a existência super-pelouros. Não é a mim que me compete o Orçamento da Câmara». Rolando Sousa entraria na discussão para dizer «que há um assunto que convém esclarecer. Quem tem de definir a política cultural da Câmara. Mesmo que ela estivesse defendida não creio que seria posta em prática no nosso mandato». Mais uma vez Valdemar Martins. «Tentei fazer votar um programa. Não foi incluído, suponho que por lapso. Está agora a merecer um reparo da AM. Admito que foi um erro. Mas a Câmara mostrou luz verde para certas realizações; no devido tempo se verá». Casal Ribeiro responderia às palavras do Vereador da Cultura, afirmando que «a proposta de aquisição do palacete da Pena não foi inviabilizada. Quanto às restantes propostas elas podem ser apoiadas na devida altura. Mas

por outro lado é um facto que não existe uma política cultural. Há que definir certos parâmetros. Temos de actuar na previsão dos actos». Artur Bártolo: «não sei se é possível definir o que é política cultural. A cultura é uma coisa viva».

Casal Ribeiro da APU acabava a conversa, longa, com uma afirmação que em nada dignifica a vontade desta Câmara neste sector. «Não há um animador cultural em Espinho porque não se respondeu a um ofício». Apenas surpreendente

TERRENO DOS CTT PASSARÁ PARA A CÂMARA

Nos restantes assuntos, o realce vai para as negociações que a Câmara está a levar a cabo com os CTT, com vista a uma troca de terrenos para a futura estação de correios. Assim os CTT cedem o actual terreno que possuem nas ruas 26, 27, 29 e 28 com a condição de a Câmara reservar uma área de 400 metros para aquela empresa. A deliberação final da Autarquia foi aceitar estas condições, que pressupõem a realização de um negócio vantajoso, ficando desde já o Presidente incumbido de falar ao Ministro do Equipamento Social para pedir um empréstimo para construção de algo rentável (esta questão foi bem sublinhada).

Uma proposta de Casal Ribeiro sobre a instalação do Golfe, viria a merecer o acordo de toda a Câmara. Nesta proposta o Vereador da APU mais uma vez se insurge contra o facto de o Governo central e mais concretamente o Secretário de Estado do Turismo, não ouvir a Câmara em questões relativas ao Concelho, para depois propor «que a Câmara diligencie junto do senhor Ministro da Defesa através de audiência e ofício fundamentado, no sentido de que seja autorizada a construção da ESTALAGEM de apoio ao Golfe, que se encontra embargada por estar situada m zona de servidão militar, o que representa grave prejuízo para o município de Espinho, que em nada contribuiu para a localização da ESTALAGEM».

No passado dia 9, a Assembleia da Freguesia de Paramos discutiu e aprovou o Plano de Actividades para o presente ano.

Segundo palavras do próprio Presidente da Junta de Freguesia, o Plano apresentado está longe de fazer face a todas as necessidades da Freguesia. Trata-se apenas de contemplar situações mais urgentes e simultaneamente possíveis de solucionar com pequenas verbas, já que a Freguesia enfrenta graves dificuldades nesse aspecto.

«A Junta de Freguesia de Paramos só tem dinheiro dos mortos. Alguns, porque outros dão-nos prejuízo», concluiu aqui, o autarca.

BURACOS EM VEZ DE ESTRADAS

Ainda no período de antes da Ordem do Dia, várias críticas se fizeram em torno de assuntos que se arrastam e vêm preocupando aquela população. A tónica geral foi a denúncia do abandono a que a Câmara Municipal tem votado a freguesia. Augusto Santos, em nome da APU, referiu mais uma vez «a pouca responsabilidade por parte da Câmara Municipal em não ligar aos vários ofícios da Junta de Freguesia sobre o estado lastimável de algumas estradas camarárias» e propôs que tal situação fosse publicamente denunciada.

Em resposta, o Presidente da Junta de Freguesia, sr. Augusto Silva, afirmou que «em doze meses de mandato, nem um homem mandaram para limpar as ruas. Parece que agora anda aí um, para limpar 9 kms!»

Para além do problema das estradas, cuja solução é prevista no Plano, levantou-se também a questão do apeadeiro da linha do caminho de ferro que se encontra completamente degradado, tendo a Junta de Freguesia ficado encarregue de resolver a situação junto das entidades responsáveis, nomeadamente a CP.

Ligação imediata do P.T. do Lugar da Quinta, questão polémica que abordamos mais adiante, colocação dos contentores do lixo na freguesia, recuperação da lagoa e implantação de uma cabine telefónica com serviço internacional que possa facilitar as comunicações para os muitos emigrantes da freguesia foram outros tantos assuntos que mereceram a atenção dos membros daquela Assembleia de Freguesia.

Um levantar de problemas que, sem excepção, esbarram todos nas dificuldades financeiras.

Este desabafo, aparentemente humorístico mas no fundo reflectindo uma preocupação geral, é bem significativo: «Nós somos desgraçados em tudo. Ao menos vamos ver se nos safamos no lixo.», comentou o Presidente da Junta ao informar que sobre o assunto tinha já a garantia do vereador Casal Ribeiro de que quando chegassem novos contentores a freguesia seria contemplada.

APROVAR POUCO, QUE O DINHEIRO NÃO É MUITO...

Foi mais ou menos nestes termos que a Junta de Freguesia comentou e justificou a «magreza» do Plano apresentado e que acabaria por ser aprovado na generalidade e depois na especialidade com pequenas alterações.

O Plano prevê fundamentalmente obras de pequena monta tais como conservação de estradas e caminhos existentes e abertura do caminho paralelo à linha férrea, lado ponte, construção de um parque desportivo «provisório» (já que existe um projecto camarário definitivo), conclusão do Posto Médico e sua entrada em funcionamento (o que desde já informamos estar para breve) e, ainda, o funcionamento da Pré-Primária. Foi considerado um «Plano muito humilde».

Domingos Sá, do PSD, perguntaria mesmo: «se nos dizem a partida que não há dinheiro para que estamos aqui?». E acrescentou, referindo-se ao trabalho que a Junta de Freguesia deveria fazer junto da Câmara para conseguir verbas: «a política resolve muitas coisas. Resolve coisas que nem ao diabo lembra!».

O Presidente da Junta alertou que, com a construção do Posto Médico, a freguesia recebeu já, por antecipação, 2.500 contos. Se essa verba for deduzida não haverá mesmo dinheiro. O rendimento próprio não ultrapassa os 200 contos e a Câmara Municipal só tem 1500 contos para distribuir por todas as freguesias do concelho. As perspectivas não são animadoras. E adiantou uma informação que reduziu ao silêncio preocupante toda a Assembleia «para o ano, segundo a nova lei, talvez nem Plano haja, pois as rubricas têm de ser acompanhadas com as respectivas verbas!».

A continuação do asfaltamento da estrada da praia e as medidas de higiene e limpeza que o Plano prevê para aquela zona levaram a discussão para um problema que há muito se vem arrastando, com manifestos prejuízos para a Freguesia: a indefinição dos terrenos que a autarquia ali possui, uma boa parte (80.775 m²) ocupado pela zona militar e que só necessita do aval do Estado Maior General das Forças Armadas para que possa ser urbanizado (ou então que seja pago à autarquia e o dinheiro sirva para resolver os problemas existentes, foi também opinião geral) e ainda a questão das casas clandestinas junto à praia.

Por outro lado, a falta de um esporão que proteja a praia inviabiliza que ali se construam casas de banho e chuveiros.

Todas estas questões estão a ser já tratadas, assim como na própria reunião se criou uma comissão encarregue de apresentar um projecto de nomes para as ruas de Paramos.

continua na página 6

assembleia municipal

Parque de Campismo não é para esquecer

que os deputados trazem à discussão. Desta feita porém isso não sucedeu. Uma proposta do PSD apoiada pelo PS fez com que se entrasse directamente na ordem de trabalhos, ficando para posterior discussão as moções sobretudo da APU, certamente incomodativas para a maioria já que visam ataques ao Governo. Não avançaram muito porém, pelo que sexta-feira lá estarão de novo os deputados sem sono.

De ressaltar uma proposta da

APU que vincula a Câmara a desenvolver todos os esforços para a construção o mais breve possível do Parque de Campismo Municipal de Salas e da discussão sobre o trabalho desenvolvido pelo pelouro do desporto, considerado insuficiente. Desde já torna-se necessário o levantamento das carências quer nos domínios do desporto, quer na ocupação dos tempos livres, o que foi recomendado pela APU e mereceu aprovação, ouvindo-se para tal as colectividades e instituições culturais do concelho, criando-se as estruturas que tornem credíveis uma

política camarária de cultura, desporto e tempos livres. A ver vamos.

política camarária de cultura, desporto e tempos livres. A ver vamos.

PARAMOS

ENERGIA ELÉCTRICA FOI PONTO QUENTE

Especial destaque mereceu o problema do insuficiente abastecimento de energia eléctrica à freguesia, ainda por resolver devido ao facto de a EDP não ter ligado até ao momento o novo PT, implantado no Lugar da Quinta.

Para evitar que mais demoras se verificassem, a APU apresentou uma proposta, aprovada por unanimidade, na qual prevê a circulação de um abaixo-assinado que a Junta entregará posteriormente às entidades responsáveis, de forma a que se ultrapasse um problema que «tem provocado os mais sérios prejuízos à população».

A falta de melhor argumento que justifique o atraso, a EDP tem argumentado com as elevadas verbas que o concelho lhe deve. Parece-nos no entanto que o problema é outro e bem mais grave. Disso tomámos conhecimento quando no final da reunião, aberto um período de intervenção do público, António Ribeiro, um dos moradores do Lugar da Quinta, acusou

continuação da página 5

a EDP de querer fazer passar por cima das casas cabos de alta tensão (15.000 volts) para abastecer a fábrica Correia e Pinto, Lda., informando que os moradores estavam dispostos a fazer tudo para que tal não viesse a acontecer pois existem outras alternativas que não põem em causa a segurança das pessoas. Pedindo o apoio daqueles dois órgãos autárquicos — no que foi prontamente atendido — disse que entregaria um abaixo-assinado à Junta de Freguesia para que esta procurasse junto da Câmara Municipal e da EDP resolver o problema.

Desse documento transcrevemos o seguinte: «É nítido o desrespeito pela Junta e Assembleia de Freguesia quanto aos destinos desta terra», referindo-se a passagem à forma esquisita como aquela fábrica foi ali construída.

No próximo número *Maré Viva* publicará uma entrevista com o Presidente da Junta de Freguesia de Paramos na qual estes e outros problemas serão relatados de forma mais directa.

A CIDADE E AS LETRAS

A VIDA DO MAR

A cidade nasceu do mar. Ramalho Ortigão, em «As Praias de Portugal», de que falámos atrás, refere Espinho como uma «Pequena povoação de pescadores do concelho da Feira...»

Mas a vida do mar transparece melhor em algumas páginas de «Os Pescadores» de Raul Brandão. Citamos aqui, por exemplo, a descrição do que era a zona piscatória da freguesia de Paramos:

«Aqui, o pescador vive em barracas de madeira que têm o aspecto de povoações lacustres. Em certos dias içam-se o camarão e a este sinal, esperado no interior das terras, começam a aparecer pelos caminhos empapados, dirigindo-se para o mar, as pesadas juntas de bois levadas à soga pelas moças. O lavrador associa-se ao homem do mar. Nesses dias larga o arado e toma parte na companhia ajudando a alar a grande

rede que se usa para estas bandas e que as bateiras lançam à água. É um espectáculo extraordinário...»

Também Miguel de Unamuno, o notável pensador espanhol, se mostrou impressionado pelas particularidades da faina pesqueira da região espinhense, onde esteve no verão de 1908:

«A maneira de puxar as redes, com juntas de bois, é o que mais a assemelha a um trabalho dos campos, dando a que a imaginação o compare a um trabalho agrícola, nesta região em que, como digo, o mar parece que se ruraliza.»

A TERMINAR

De alguns autores se falou, de outros seria, talvez, neces-

continuação da última página

sário falar neste trabalho que de longo se torna curto pelas necessidades do tema. Assim, estão ausentes Eça de Queiroz, Vial Moutinho, e tantos outros, espinhenses por nascimento ou opção, como Alberto Barbosa, que em vida foi colaborador do nosso jornal e Edgar Carneiro que ainda há pouco nos concedeu uma entrevista.

De qualquer forma, o presente trabalho não pretende ser um estudo sobre o tema: o seu objectivo não passa de pretender demonstrar algumas relações entre a comunidade espinhense e a cultura nacional no campo específico da literatura.

E, apesar de tudo, elas não são tão escassas como à primeira vista se possa pensar...

CONCURSO DE FOTOGRAFIA ESPINHO / 84

ABERTO A FOTÓGRAFOS AMADORES DO DISTRITO DE AVEIRO, ATÉ 9 DE ABRIL

Regulamento e informações na

COOP. NASCENTE

FERNANDO RODRIGUES LIMA

TRAVESSA DA RUA 5

TRASEIRAS DA GARAGEM SOUSA — TELEF. 721739

Distribuidor dos papeis COLWALL com nova colecção para 1983/84 acabada de sair, VIMURA, PARÊTA, PARATI, etc. Pavimentos para cozinhas e casa de banho. Alcatifas, etc.

ORÇAMENTOS GRATIS

CAN-CAN II

BOITE PIANO BAR
DISCOTECA

O seu ponto de encontro

Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.

Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas
e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — E S P I N H O

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO

RUA 19 N.º 294

ESPINHO

MUNICÍPIO DE ESPINHO

Com pedido de publicação recebemos do Presidente da Assembleia Municipal a Moção que passamos a transcrever:

Levo ao conhecimento de V. Ex.ª que esta Assembleia, em reunião realizada no passado dia 2 de Fevereiro, aprovou, por maioria, uma Moção, da iniciativa da A.P.U., que passo a transcrever:

1.º — Apresentar todo o seu profundo respeito ao Povo da Ilha de Granada, vítima de tão intolerável agressão.

2.º — Denunciar esta e todos os actos belicistas dos EUA, inseridos num plano global de ataque aos povos da América Central e das Caraíbas, designadamente às preparações de um ataque ao heróico povo da Nicarágua, do qual esta agressão a Granada pode constituir um mero balão de ensaio.

3.º — Apoiar a massiva decisão da Assembleia Geral das Nações Unidas em reprovar, de forma inequívoca, a deplorável intervenção armada dos EUA, em Granada, considerando-a contrária a todos os princípios do Direito

Com os melhores cumprimentos.

O Presid. da As. Municipal
Dr. José Augusto Ferreira de Campos

Clínica Médica

RUA 16 N.º 789 — 4500 ESPINHO

ATENDIMENTO PERMANENTE
URGENCIAS DOMICILIÁRIAS
CENTRO DE ENFERMAGEM
ANÁLISES CLÍNICAS
ELECTROCARDIOGRAFIA
CONSULTAS DE ESPECIALIDADE

- | | |
|-----------------------|----------------------|
| — DERMATOLOGIA | — GINECOLOGIA |
| — PNEUMOLOGIA | — OBSTETRICIA |
| — ALERGOLOGIA | — PSICOLOGIA CLÍNICA |
| — CARDIOLOGIA | — PSIQUIATRIA |
| — CIRURGIA | — ORTOPIEDIA |
| — UROLOGIA | — ENDOCRINOLOGIA |
| — PEDIATRIA MÉDICA | — NUTRIÇÃO |
| — PEDIATRIA CIRÚRGICA | — GASTROENTEROLOGIA |
| | — ENDOSCOPIA |

Antenor Pereira

AGÊNCIA DE CONTRIBUINTES
CONTABILIDADE E CONTENCIOSO
MEDIADOR DE SEGUROS

Rua da Fonte - Silvalde — Tel. 723489 — ESPINHO

JOSÉ OLIVEIRA

SOLICITADOR

ESCRITÓRIO:

Rua 19 n.º 401 - 1.º

Telefone 720093

ESPINHO

O Recanto

ALBERTO JOSÉ PEREIRA REIS

Mobiliário Artístico
e Decorações

Rua 12 n.º 593 — ESPINHO

Telef. 723299

MERCADO NOVO DIA

Domingos António, Lda.

Visite V. Ex.ª este estabelecimento e ficará nosso Cliente

Rua 18 n.º 1067

Telef. 722739

ESPINHO

Maré Viva O SEU JORNAL

PEDRO SILVA, INTERNACIONAL JUVENIL

MAIS UM PRODUTO DO HÓQUEI DA A. A. E.

Chama-se Pedro Silva, têm 16 anos de idade e joga Hóquei em Patins na Académica de Espinho. Foi seleccionado e representou Portugal no Campeonato da Europa de Juvenis de Hóquei.

Este talvez o mais recente exemplo daquilo que os clubes de Espinho, apesar de todas as dificuldades vão conseguindo «deitar cá para fora». São jovens como este, o incentivo de muito espinhenses que apoiam e trabalham para que sobre Espinho ainda se possa ir dizer que é um espaço vocacionado para o desporto.

Tivemos uma pequena conversa com Pedro Silva para saber como tudo aconteceu.

MV — Como foi que começaste a jogar?

PS — Comecei a patinar por brincadeira com alguns amigos aos 8 anos. Mais tarde fui a um torneio das escolas da AAE para onde entrei e a partir daí

continuei até onde estou hoje.

MV — Como é que surgiu a selecção?

PS — Já o ano passado tinha sido convocado para os treinos de observação só que não cheguei a haver campeonato por motivos financeiros. Este ano fui chamado outra vez para Lisboa e desta vez, sim, fiquei nos 10 jogadores definitivos, que iriam jogar no campeonato.

MV — Como é que foi o campeonato?

PS — Acho que embora tenhamos perdido ao ter ficado no 3.º lugar ganhámos uma boa experiência de que é preciso tirar proveito.

MV — Há uma grande diferença entre os jogadores portugueses e os estrangeiros?

PS — Individualmente os jogadores portugueses são tão bons ou melhores que os es-

trangeiros, só que existe um grande abismo entre o colectivismo das equipas estrangeiras que é muito bom e o das portuguesas, o que lhes dá um rendimento muito superior...

MV — E isso dá-se devido a quê?

PS — Há essencialmente grandes restrições financeiras, acrescidas com o problema de todos os jovens jogadores terem aulas. Assim só pouco tempo antes de começar o Europeu nos foi possível fazer o estágio o que foi muito pouco para podermos competir com as outras equipas melhor preparadas.

MV — Quais achas que são as condições em Espinho para a prática desportiva?

PS — Estou pouco a par da situação dos clubes, mas por aquilo que sei as coisas não vão nada bem e como suporte que é, isto vai reflectir-se na

qualidade do desporto praticado. Há restrições de material mas existe também uma boa compreensão por parte dos jogadores que faz com que isso se torne um problema superável.

MV — Actualmente como vão os teus jogos na AAE?

PS — Estou a jogar nos juniores e já conquistámos o 2.º lugar do campeonato regional logo atrás do FC do Porto. Acho que temos bastantes hipóteses de alcançar a fase final do nacional pois temos uma equipa boa.

MV — Quais os teus planos futuros como desportista?

PS — Já que consegui participar neste campeonato europeu a minha máxima ambição é ter lugar numa selecção de hóquei de seniores e ser campeão do mundo. Não é fácil mas eu estou disposto a trabalhar muito para alcançar este objectivo.

FUTEBOL POPULAR

Razões duma atitude involuntária

Este esclarecimento impunha-se. Alguns dos nossos leitores têm-se-nos dirigido, lamentando a falta de cobertura que temos feito ao Torneio de Futebol Popular que está a decorrer no nosso concelho. E com toda a razão. Mas a realidade é que, aqui pela Redacção, lutamos (como sempre, aliás) com a velha falta de gente. Ora isto não nos permite, de forma alguma, estabelecer contactos com todos os clubes intervenientes no Torneio para saber resultados! Daí que tenhamos tentado a Organização. Sucede que o nosso Jornal está à venda à quarta-feira, ao fim da tarde; em contactos que tivemos com quem superintende no Tor-

neio foi-nos dito que só à quarta-feira é que nos poderia ser fornecida a lista completa dos resultados dos jogos disputados no anterior fim de semana. Daí a nossa impossibilidade em acompanhar essa competição.

No entanto, estamos a envidar todos os esforços para ultrapassar esta situação que, naturalmente, não nos agrada. Contamos, muito em breve, poder dar uma completa cobertura do Torneio de Futebol Popular. Dentro das nossas possibilidades, claro! É que, tal como os participantes no Torneio, cá pelo «Maré Viva», todos somos amadores. O amor à camisola é que conta...

Espinho, 1-Salgueiros, 0

82 minutos de sofrimento...

Como dizemos no título desta crónica, foram 82 minutos de sofrimento. Carregar, carregar, sobre a baliza de Fidalgo, foi a palavra de ordem durante todo esse tempo. Até que aos 82 minutos, Peters deu a bola a Pinto da Rocha, que, de imediato, a meteu em Mória. Este, beneficiando de um certo desatento na defesa salgueirista, picou-a por sobre Fidalgo. Eram os dois pontos tão arduamente procurados pelo SCE. A 2.ª vitória em 17 jogos deste Nacional 83/84.

E, na realidade, houve justiça no resultado. O primeiro tempo foi quase, quase, todo dos espinhenses. Às vezes duma forma atabalhoada, outras com uma ponta de infelicidade, o ataque espinhense insistiu até fartar... Sem resultados, porém. O Salgueiros defendia-se como podia, por vezes «à ceguinho seja eu». Na segunda parte, o jogo foi muito mau. O SCE enervava-se, os homens de Octávio queimavam tempo. Se servir para clarificar melhor a imagem com que ficámos destes últimos 45 minutos, bastará dizer que os dois guarda-redes pouco tiveram que fazer. Isto diz bem da «embrulhada» que ia na zona central do terreno. Não fora o golo de Mória, e as coisas estariam muito mal para os «tigres»!

Valério, Dinis, João Carlos e Peters (este pelo esforço que dispendeu durante todo, mas todo o tempo) merecem salien-

cia nesta crónica. O árbitro, Marques Pires, também, porque esteve seguro.

Sob a arbitragem de Marques Pires, de Setúbal, o SCE apresentou: Mendes; Ramalho, Valério, José Augusto e Dinis; João Carlos, (Moinhos, aos 77 m.), Carvalho, Pinto da Rocha e Salgado; Bábá (Mória, aos 58 m.) e Peters.

Cartões — Amarelo para Salgado, aos 88 m.

Marcador — Mória, aos 82 m.

MENDES GALARDOADO

O guarda-redes espinhense, Mendes, recebeu no passado domingo o Troféu instituído pelo jornal «Gazeta dos Desportos» e destinado ao jogador da 1.ª divisão que os jornalistas daquele jornal desportivo consideraram «O Melhor da época de 1982/83». O prémio foi entregue ao guardião espinhense pelo jornalista Vasco Castro, antes do início do encontro com o S. C. Salgueiros. Naturalmente que o acto foi sublinhado por uma forte ovação por parte dos adeptos espinhenses presentes. E diga-se que, em força! Com claques organizadas e tudo...

BANCADA DE IMPRENSA

Palavra de honra que ficámos assustados com o que lemos, na passada quinta-feira, no semanário «A Bola»! Mais propriamente num espaçozinho do «Cautchu», aquela «manta de retalhos» (no bom sentido) que ocupa a última página daquele jornal, às quintas-feiras. O tema era o «doping» e aquela coisa o controle do dito que ultimamente tem sido feita nalguns jogos do Nacional da 1.ª divisão. Um excerto do texto:

«O controlo anti-doping no futebol está longe de evitar o uso e, por vezes, o abuso do «doping». Alguns clubes alertados para as novas dificuldades procuram outras soluções. Algumas verdadeiramente diabólicas, como acontece, pelo menos, em um caso, em que um já muito conhecido na matéria (não é treinador) tem vindo a fazer experiências, com misturas de certas substâncias, aplicando-as depois a jogadores juvenis e juniores (onde não há controlo), para ver a reacção dos miúdos. Se eles correm muito e se cansam pouco, e se o «medicamento» passa nas malhas do controlo, então passa a ser aplicado aos seniores.»

Isto é uma situação denunciada em «A Bola». Queramos ou não, caso seja verdade, parece que, em termos desportivos, voltamos aos tempos dos «Médicos malditos», pseudo-clínicos que serviam o nazismo hitleriano e que, apesar das consequências mais que sabidas e (sempre) dramáticas, utilizavam cobaias humanas nas suas desumanas experiências.

Apesar de tudo, já teremos chegado a isto?

Mopeira da Costa

CIRURGIA GERAL E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º
Telefone 721014
E S P I N H O

RESULTADOS DA SEMANA

ANDEBOL

Apuramento Div. Honra Académico, 22 — SCE, 22
Infantis — SCE, 56 — A. Aroso, 0

HÓQUEI EM CAMPO

Honra — Desp. do Viso, 3 — AAE, 0
Reservas — Desp. do Viso, 1 — AAE, 0

HÓQUEI EM PATINS

Nac. 2.º div. — Vigorosa, 6 — AAE, 15
Juniores — Valongo, 2 — AAE, 1

VOLEIBOL

Div. Honra — SCE, 0 — Esmoriz, 3
1.º div. — Atlântico da Madalena, 3 — AAE, 1
Juniores — Esc. Prep. de Esmoriz, 0 — SCE, 3
Juvenis — Col. dos Carvalhos, 0 — SCE, 3
Iniciados — AAE, 3 — Esc. Prep. Esmoriz, 0
Fem. - Div. Honra — Guimarães, 3 — SCE, 0

VISTA-SE A SI E À SUA FAMÍLIA COM

Crédito Gratuito

RAICA

PRONTO A VESTIR — HOMEM E SENHORA

RUA 62 — 101 TEL. 722896 4500 ESPINHO

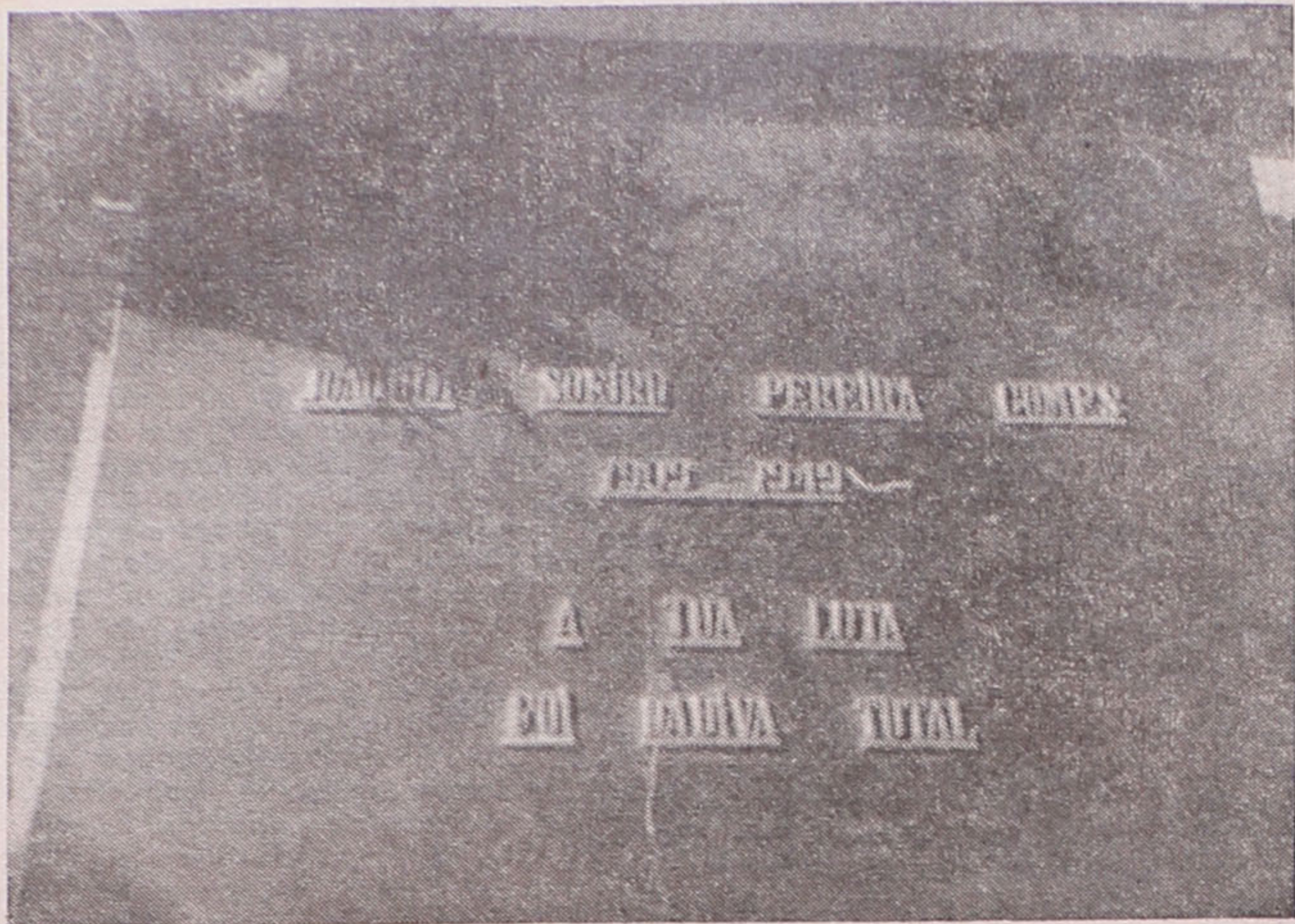


AUTOMÓVEIS

GARANTIA DE GARANTIA

RUA 20 N.º 300 — 4500 ESPINHO
TELEF.: STAND 723699 — RESID. 723060

COMPRA-SE AUTOMÓVEIS NÃO ACIDENTADOS



Soeiro Pereira Gomes: um homem da borda d'água sepultado em Espinho

A CIDADE E AS LETRAS

Feita de sonho e vida nasceu a arte, porque a vida e o sonho de cada um só fazem sentido se aos outros puderem ser ditos. Assim acontece em toda a criação, e de um modo evidente na literatura, a arte de contar sonhos e vidas, de dizer ao mundo que as coisas existem.

A cidade é algo que vibra na sua vitalidade individualizada. Cada cidade é um poço de vidas e sonhos, contudo unidos por laços mais ou menos fortes de uma sensibilidade colectiva. Por isso a cidade é tema literário, ao mesmo tempo que amadurece continuamente a capacidade de «possuir» os seus próprios escritores.

Apesar da exiguidade da sua história, Espinho não foge à regra, antes sendo disso um exemplo.

«AS PRAIAS DE PORTUGAL»

Ramação Ortigão, autor de um enorme poder descritivo, escreveu uma obra que se pode considerar uma notável reportagem jornalística do Portugal dos fins do século passado e dos princípios deste século. De entre os seus livros, tem «As Praias de Portugal», o autor dedicou a Espinho um capítulo inteiro onde transmite algumas das suas impressões sobre a vida e os hábitos de uma população que aqui vinha passar a época dos banhos.

Assim, Espinho é «de todas as praias a mais estimada por aqueles que a frequentam. Os banhistas de Espinho tomam-se todos por este sítio de uma espécie de exaltação patriótica, exclusiva e intransigente.»

Mas ele oferece-nos também a descrição do povoado de então:

«A povoação de Espinho divide-se em dois bairros diferentes, separados pelo largo do mercado. Para o nascente, até à estação do caminho de ferro, fica o bairro novo e caro; para poente, até à praia, acha-se o antigo bairro pobre. (...)

«(...) As antigas barracas de madeira dos primitivos habitantes acham-se mascaradas para o lado da estrada pelas edificações modernas que se alinham com uma certa grandiosidade burguesa, nas duas principais ruas novas, a da Assembleia e a do Bandeira de Melo.»

«No velho bairro, as ruas estreitas e tortuosas, os antigos casebres esbeçados que pendem em ruínas estarpadas, as saliências das varandas de pau, empenadas e barrigudas, a fogueira de pinho que está dentro ardendo no jar, as crianças semi-nuas que saem à rua, as mantas ou as rdes de pesca, penduradas da janela ou estendidas a enxugar em duas varas, têm um cunho muito característico, de um pitoresco orientado.»

O relato fiel da realidade de então. Hoje, só os cenários mudaram, porque a miséria, essa continua.

MANUEL LARANJEIRA — O TRÁGICO FIM DE UM SONHO

Quando em 1910 se proclamou a República, ela era já uma realidade no espírito de muitos artistas, que por ela viveram e por ela lutaram.

Assim aconteceu com Manuel Laranjeira, nascido no ano de 1877 na Vergada, que chegou mesmo a assumir a presidência da autarquia espinhense, no despontar dos tempos republicanos.

Aqui viveu Manuel Laranjeira, entre a sua profissão de médico e a sua obra literária, colaborando esporadicamente para a «Gazeta de Espinho».

Porém, as condições básicas em que se implantou a República, a sua incapacidade em transformar radicalmente a sociedade portuguesa, antes tendendo para a consolidação lenta do capital industrial e para o desenvolvimento da ocupação colonialista em África, esfumaram rapidamente os sonhos de muitos dos que dela fizeram bandeira. Manuel Laranjeira foi um deles: nas «Cartas» e no seu «Diário», ele revela-nos um profundo sentimento de insegurança e insatisfação ideológica. A 22 de Fevereiro de 1912, Manuel Laranjeira suicidou-se na sua residência na Rua 19 (então Bandeira Coelho), com um tiro de revólver na cabeça.

Miguel de Unamuno, profundo conhecedor da nossa vida intelectual da época, mostrou-se impressionado por aquilo a que chamou «psicose suicida» de muitos dos homens ligados à cultura portuguesa de então. A este facto não é de todo alheia a instabilidade do conglomerado doutrinário e estético, exacerbado quando as condições sociais vieram a extremar as atitudes.

O suicídio de Manuel Laranjeira é uma trágica metáfora do suicídio da própria República. Ele, que um dia escreveu: «E não me me assusta a morte! Só me assusta/ter tido tanta fé, na vida injusta/... e não saber sequer pra que a vivi...»

Foi a geração da «Presença» que trouxe à literatura nacional os temas ligados com a adolescência. Com o despontar da corrente neo-realista, o tema ganha nova dimensão, ao ser analisado e tratado em todas as suas componentes, incluindo de uma forma relevante os aspectos sociais do problema. Alguns ficcionistas fazem dele o tema fundamental das suas obras, destacando-se de entre

elas José Marmelo e Silva, um homem cuja vida se encontra profundamente ligada à nossa cidade.

Marmelo e Silva escreveu uma obra notável de sobriedade e poesia. Nos seus livros, os dramas de uma juventude amoldada pelas cadeias de uma sociedade que a rejeita e a absorve são vividos por personagens plenos de realidade vital, ao que não é alheia a pró-

pria experiência do autor. Um testemunho corajoso, numa altura em que era muito difícil assumir o que se pensa. Marmelo e Silva escreveu «Sedução» (1938), «Depoimento» (1939), «O Sonho e a Aventura» (1943), «Adolescente» (1948) (mais tarde com o título de «Adolescente Agrilhado»), «O Ser e o Ter» (198), «Anquilose» (1971), «Desnudez Uivante» (1983).

MARMELO E SILVA — O ROMANCE DOS ADOLESCENTES

MANUEL ALEGRE E SOEIRO PEREIRA GOMES — A ESCRITA DA RESISTÊNCIA

De formas diferentes, com a oposição assumida e abnegada à ditadura fascista em comum, os dois autores têm o seu nome ligado à cidade.

Joaquim Soeiro Pereira Gomes, nascido em Abril de 1909, foi um dos pioneiros do neo-realismo. Escreveu a primeira obra notável dessa corrente, os «Esteiros» em que fala dos «Homens que nunca foram meninos», a vida das crianças assalariadas nos telhais ribatejanos. Postumamente, publicou-se de Soeiro Pereira Gomes, «Refúgio Perdido» (1950), «Contos Vermelhos» e «Engrenagem» (1951) texto não revisto e inacabado de um romance sobre a proletarização fabril das classes camponesas.

Militante do Partido Comunista, Soeiro Pereira Gomes, dedicou a sua vida à luta contra o fascismo, tendo sido obrigado a abraçar a vida clandestina, tendo comprometido irremediavelmente a sua saúde. Viria a morrer em Dezembro de 1949,

e encontra-se sepultado no Cemitério de Espinho.

A vida da cidade vai para além do pitoresco exterior, ou do quotidiano próprio e individualizado que a caracteriza. A vida da cidade por vezes é subterrânea, dramática, patética mesmo. Por vezes, há quem pague com a vida o direito de sonhar a cidade à semelhança da essência verdadeira dos homens. Assim morreu o Dr. Ferreira Soares, o «Dr. Prata» como lhe chamava a gente simples, que a polícia política assassinou à traição nos tempos difíceis da ditadura.

Manuel Alegre, poeta saído das combativas colectâneas universitárias coimbrãs de «Poemas Livres» de 1962-63, tornou-se um dos autores que melhor traduziu a alma da Resistência na última década do fascismo. Em «O Canto e as Armas», dedicou ao Dr. Ferreira Soares, um dos seus mais belos poemas:

«Perto de Espinho havia uma

árvore/ havia uma árvore à beira do caminho./E havia um buraco naquela árvore/perto de Espinho. (...)

(...) Catorze balas o esperavam/catorze balas o mataram nessa noite em Espinho/E nunca mais o médico se escondeu/naquela árvore à beira do caminho. (...)

Todos os homens morrem, mas quando a sua vida se perde numa dádiva à causa em que acreditam, há qualquer coisa que persiste, que continua, que fica como uma herança de vontade que outros tomam para si, para se lançarem no caminho apontado. E Manuel Alegre fala-nos disso, porque o seu poema, mais que uma elegia, é, em si próprio, um acto de resistência:

(...) De quando em quando voltam os embaçados/e cortam a árvore do povo de Espinho./Mas há sempre alguém para plantar/outra árvore à beira do caminho.

continua na página 6

Sérgio Godinho ao Vivo

(c/ BANDA)

25 / FEV. / 84 — 21,30 HORAS

no SALÃO DA PISCINA

ORG. COOP. NASCENTE

com a colaboração da DISCOTECA VIC



As diligências para a demolição do quarteirão da rua 2, frente ao Apartotel, estão já em marcha, tendo a Câmara já iniciado a 1.ª fase das negociações com os inquilinos e proprietários, para saber quais as condições que estes impõem. Mas, ao que parece, as coisas não estão a correr muito a contento da Autarquia Local. Só um dos inquiridos, pede 40 mil contos pelo seu «cantinho». E por este andar, a verba que a Câmara dispõe, cerca de 70 mil contos, não chega para indemnizar os ocupantes, quanto mais para os indemnizar, realojar e demolir todo o quarteirão, como estava previsto.

Afinal, tanta polémica à volta do desvio dos 27 mil contos do Parque de Campismo e a sua nova aplicação também não parece ter melhor futuro...



PORTE PAGO

Câmara Municipal de
ESPINHO